



RODRIGO FRANÇA

O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO

**Livro do
Professor**

**Responsáveis
pelo Material:**

*Elizabeth Gavioli
e Adriana Costa*

ILUSTRAÇÕES
Juliana Barbosa
Pereira



MAMUTE

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Mamute LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA MAMUTE LTDA

Rua Candelária, 60/GRP 701 a 714 – Centro
Rio de Janeiro/RJ – 20.091-020

Direção editorial: Daniele Cajueiro

Editoras responsáveis: Luana Luz e Mariana Elia

Produção editorial: Adriana Torres, Bárbara Anaissi e Laura Souza

Copidesque: Letícia Côrtes

Projeto gráfico: Larissa Fernandez

Diagramação: Rafael Lima

Material Digital de Apoio à Prática do Professor que
acompanha o Livro do Professor da obra *O Pequeno
Príncipe Preto*, 1ª edição.

Adriana Costa; Elizabeth Gavioli.

Rio de Janeiro: Mamute, 2021.

Título:	O Pequeno Príncipe Preto
Autor:	Rodrigo França
Ilustradora:	Juliana Barbosa Pereira
Temas:	Autoconhecimento, sentimentos e emoções; Encontros com a diferença
Gênero literário:	Conto, crônica, novela
Categoria:	4º e 5º anos

SUMÁRIO

1. Carta ao professor	5
Sobre o autor	6
Sobre a ilustradora	6
O papel da literatura e da leitura literária	6
2. Propostas de abordagem em sala de aula	9
Atividades pré-leitura	10
Atividades durante a leitura	13
Atividades pós-leitura	13
Compreensão do texto e apreciação estética	16
3. A literacia familiar: um trabalho conjunto entre educadores e família	27
4. Referências bibliográficas	28
5. Sobre as responsáveis pelo Material	30

1. CARTA AO PROFESSOR

O livro **O Pequeno Príncipe Preto** conta a história de um príncipe que vive em um planeta minúsculo. O planeta é tão pequeno, que só moram nele o príncipe e uma árvore, a Baobá, a Grande Princesa e grande amiga do príncipe. O título remete ao grande clássico da literatura infanto-juvenil mundial: *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, e, no cerne dessa intertextualidade, traz como protagonista um menino preto, o príncipe do título. Grande sucesso no teatro, e em narrativa que contribui para valorizar paradigmas associados à representação dos negros como protagonistas infantis, o conto foi adaptado a partir do roteiro dramático, ganhando novas situações e uma linguagem que retrata os questionamentos do protagonista, mostrado como figura sensível e, ao mesmo tempo, indagadora.

Trata-se de uma narrativa curta e, a despeito de não se constituir como um conto de fadas clássico, justifica-se que, como *narrativa infantil* curta se encaixe, por aproximação, no gênero literário conto. **O Pequeno Príncipe Preto** é um texto ficcional em prosa, uma história para ser lida ou contada, na qual os acontecimentos se desenrolam e progridem em determinado espaço e tempo. O protagonista lança-se em um percurso para conhecer outros planetas, movido por uma promessa que fez para a Baobá, ingressa numa viagem em que ele vive uma série de situações e conflitos, atua sobre eles e, por fim, retorna para o seu próprio planeta transformado por essa experiência.

A leitura da obra alcança diferentes faixas etárias, sendo especialmente apropriada para as crianças do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, foco das propostas contidas neste material.

Na maioria das vezes, como narrador-personagem, o Príncipe Preto, levado por uma pipa ao vento, conta suas andanças por outros planetas. Ao viajar, tinha a missão de transportar as sementes da baobá para outros universos. Junto delas, o *ubuntu*, palavra africana que não tem tradução específica, mas que significa, aproximadamente, solidariedade, e uma vida conectada com tudo, com a natureza e com os seres vivos.

Durante sua jornada, o pequeno príncipe conhece outras personagens: um rei sem súditos (que adora mandar) e uma raposa, que lhe ensina o valor do afeto. “Uma tem amor de mais e o outro tem amor de menos”, nas sábias palavras do narrador. As vozes presentes na história se alternam; ora se dá visibilidade às ideias do príncipe, ora às do rei, ora às da raposa, cada personagem expondo sua visão de mundo e da vida.

No planeta Terra, o príncipe tenta encontrar um lugar para plantar sua semente, a última que lhe resta, mas encontra pessoas imersas em suas “caixas pequenas iluminadas”, como ele metaforicamente chama os celulares e, por isso, não lhe dão atenção. Justamente nesse lugar, tão necessitado de *ubuntu*! Já desesperançado e pensando em como retornar ao seu planeta, ele encontra crianças, também imersas em seus jogos eletrônicos, mas, por meio do *ubuntu*, consegue conectá-las e resgatar a alegria da brincadeira. Assim, com a esperança de renovação e de paz trazidas pelo *ubuntu*, o Pequeno Príncipe Preto retorna para casa!

O conjunto de ilustrações que compõem a obra, contendo traços estilizados, bem como a representação de elementos da cultura e paisagens africanas — ilustradas com tons predominantemente terrosos — entrecruzam-se aos sentidos do texto, auxiliando a narrativa, e contribuem à criação de uma experiência estética que abraça o leitor.

SOBRE O AUTOR

Rodrigo França é ator, diretor teatral, dramaturgo, artista plástico e articulador cultural. Nascido em 28 de janeiro de 1978, no Rio de Janeiro, o carioca é formado em Ciências Sociais e Filosofia e trabalhou por muitos anos na área educacional, seja como professor, seja como diretor e coordenador. Ativista pelos direitos civis, sociais e políticos da população negra, atua como palestrante em escolas da rede pública e empresas, abordando temas relacionados à identidade, entre os quais valores sociais, padrões, percepções de si e ancestralidade. Sua principal área de atuação é o teatro, onde trabalha ora como ator, ora como diretor, ora como autor, ora fazendo tudo! E foi como autor e diretor que ficou por muito tempo em cartaz com a peça *O Pequeno Príncipe Preto*, um dos seus maiores sucessos, agora adaptado para livro infantil.

SOBRE A ILUSTRADORA

Juliana Barbosa Pereira é designer, animadora e ilustradora. Participava da peça teatral *O Pequeno Príncipe Preto* e foi convidada a realizar as coloridas ilustrações do livro, tornando-se responsável pela identidade visual do projeto.

O PAPEL DA LITERATURA E DA LEITURA LITERÁRIA

Entre as competências específicas de linguagens e de língua portuguesa para o ensino fundamental na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estão as seguintes, cuja descrição a respeito do que se espera para construí-la passa, certamente, pela proeminência da literatura e o papel da leitura literária:



Competência 5, de Linguagens: Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanida-



de, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Competência 9, de Língua Portuguesa: Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

No mesmo documento, o eixo de leitura, relacionado a práticas de linguagem situadas, se organiza em campos de atuação, entre os quais está o artístico-literário, “relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas.” (Brasil, 2018)

Nessa perspectiva, adotada em consonância com a arte e a cultura, a literatura é concebida e contemplada em sua dimensão social, histórica, artística e cultural.

Como se pode ler, também, no documento da Política Nacional de Alfabetização (PNA), a leitura é “um meio propício para ampliar o vocabulário, enriquecer a expressão oral e escrita, despertar a sensibilidade estética e o gosto pelos livros, nela se deve pôr todo o cuidado, seja na eleição do texto, seja na escolha do ambiente e da ocasião.” (Brasil, 2019a)

O documento ressalta a contribuição da educação literária para a formação do imaginário da criança e de sua visão de mundo, e a importância de se “estimular os ambientes de leitura nas escolas, nas bibliotecas, em instituições culturais e no seio da própria família, a fim de que o ato de ler, e a respectiva fruição do texto literário, passe a integrar o cotidiano de toda criança, independentemente da condição socioeconômica. (Brasil, 2019a)

Diante dos documentos citados, convém acrescentar, a despeito do valor de ler uma obra literária como experiência individual e solitária, a relevância da leitura realizada em conjunto. Como afirma Bajour (2012): “Para aqueles que são mediadores entre os leitores e os textos, é enriquecedor pensar como leitura esse momento do bate-papo sobre o lido, o intercâmbio acerca dos sentidos que um texto desencadeia em nós.” E, ainda, como afirma Chambers (2012):

nossa leitura pode nos revelar os realces que conferimos àquilo que lemos, as melodias que evocamos ou a percepção de sua ausência, os ruídos ou os silêncios que os textos nos despertam. Esses sons saem e se encontram com outros: os das partituras dos outros leitores. Como em um ensaio de orquestra, o texto cresce em acordes sonantes e dissonantes com ecos às vezes inesperados para os intérpretes. Chambers se refere a esse encontro com a palavra do outro, ao “falar juntos”, como um momento de “decolagem”, de voo em direção a algo que até o momento do bate-papo nos era desconhecido. A escuta da interpretação dos outros se entremeia com a nossa.

Assim, as interações professor-aluno e aluno-aluno são fundamentais para alcançar os objetivos de leitura. Ela envolve aspectos peculiares, entre os quais a sensibilização para o ato de ler, a fruição natural, o manuseio do objeto livro, o envolvimento com o conteúdo dele, as hipóteses dos leitores e os sentidos dados por eles ao texto, a possibilidade de ler em conjunto com outros leitores, as reações diante das surpresas que um livro pode oferecer, a apreciação estética do texto, a busca e a seleção de outras obras do mesmo autor ou do mesmo gênero, a experiência única que determinada obra pode propiciar, as experiências múltiplas possíveis a partir da leitura dela, além de outros aspectos emergentes das singularidades dos leitores e dos contextos em que se inserem. Ainda Bajour (2012), a respeito do valor da escuta, compartilha experiências que podem inspirar trabalhos concretos, como a descrita a seguir, valorizando a percepção e a expressão subjetiva da criança — a voz que ela assume diante de outros leitores:

A explicitação daquilo que sussurra nas cabeças dos leitores — ou seja, a manifestação da palavra, do silêncio e dos gestos que o encontro com os textos suscita — leva-me a compartilhar a afirmação de Aidan Chambers de que o ato da leitura consiste em grande medida na conversa sobre os livros que lemos. Em seu livro *Diga-me*, imprescindível para pensar o tema da escuta, ele inclui o texto de um colega que cita Sarah, uma menina de oito anos: “Não sabemos o que pensamos sobre um livro até que tenhamos falado dele.” [...]

Nessa postura dialogal, a leitura literária ganha corpo e vida, torna-se frutífera e favorece a apropriação, pelas crianças, da própria experiência, já que o regresso ao texto por meio da conversa sempre traz algo novo.

2. PROPOSTAS DE ABORDAGEM EM SALA DE AULA

Para além da construção de sentidos obtida por meio dos percursos de leitura possíveis, é fundamental levar em conta que os significados literários, como diz Peter Hunt (2010), emotivos e impressionistas, conotativos e denotativos, também dizem respeito a “quem os leitores são, onde eles estão, quando e por que leem, o quanto os leitores conhecem, o quanto já leram e o quanto desejam ler; e são a capacidade de entendimento que os leitores possuem”.

Ressalte-se ainda que, nos diversos processos de leitura possíveis de serem realizados na sala de aula, há que se ter uma mediação fundamentada na percepção dos diferentes horizontes que coexistem no mundo do leitor infantil. Ao mesmo tempo, muito importará nessa aventura literária que o adulto participe nesse processo possa render-se ao livro junto dos alunos e envolver-se com a história.

No âmbito do trabalho com a competência leitora, segundo Teresa Colomer (2007), a literatura deve fazer parte dos conteúdos escolares porque, por meio de um trabalho organizado, é possível desenvolver algumas habilidades tais como refletir sobre o mundo, criar realidades, ampliar o repertório de linguagem, saber relacionar informações, compreender e interpretar um texto e relacioná-lo com o mundo cultural. Para ela, por meio da literatura, é possível construir comunidades ao reunir pessoas que têm os mesmos referenciais e gostam dos mesmos personagens e das linguagens.

Em um estudo recente, Terrell e Watson (2018) salientam que [...] atividades explícitas de leitura compartilhada de livros são importantes para engajar os alunos em iniciativas literárias e promover o desenvolvimento da linguagem oral. A leitura compartilhada de livros pode ser feita de forma interativa (apontar e fazer perguntas sobre os desenhos dos livros, imitar personagens, etc.) ou dialógica (quando a leitura suscita perguntas e diálogos entre o professor e o aluno, permitindo comentários e a expansão do conhecimento).

Estas ações promovem um ambiente estimulante para que a criança aprenda a contar histórias, pratique o questionamento e tenha interesse em aprender a ler. Os autores ainda discutem que práticas dirigidas que favoreçam a expansão do vocabulário e o desenvolvimento das habilidades de consciência fonológica constituem comprovadamente boas práticas em Educação Infantil, mas não raramente ficam de fora do currículo escolar obrigatório. (Brasil, 2020)

O livro **O Pequeno Príncipe Preto** oferece aos estudantes a oportunidade de reconhecer que a literatura pode conversar com nossos sentimentos mais profundos, o que justifica sua inscrição sob o tema “Autoconhecimento, sentimentos e emoções”. Vivenciar as experiências de personagens marcantes como as que fazem parte da obra de Rodrigo França proporciona a reflexão sobre nosso mundo, tão carente de *ubuntu* (de conexão, solidariedade, amizade) e destaca “o protagonismo preto e a valorização das origens africanas” (Camargo, 2021). O livro pode favorecer, ainda, o desenvolvimento da literacia e o trabalho com a construção de competências e habilidades, conforme se verá nas sugestões de trabalho a seguir.

A leitura dialogada e mediada pelo professor do livro **O Pequeno Príncipe Preto** permite desenvolver a compreensão de texto, a fluência em leitura oral, o desenvolvimento de vocabulário e o estabelecimento de relações entre a leitura e as experiências de vida das crianças, estimulando a realização de inferências e a identificação dos muitos sentidos do texto.

BNCC

Competência 3, de Língua Portuguesa: Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulem em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

A seguir, sugerem-se algumas possibilidades de abordagem para a obra, em três etapas de leitura: atividades de pré-leitura, durante a leitura e pós-leitura.

ATIVIDADES PRÉ-LEITURA

A leitura de um livro começa antes que o livro seja aberto: ler o título, observar a capa, ler a contracapa costumam ser hábitos de um bom leitor. Tais procedimentos despertam a curiosidade e antecipam possíveis sentidos, facilitando o processo de compreensão, conforme preconiza a BNCC:

BNCC

(EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimen-



tos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.

A seguir, são listadas algumas sugestões de atividades para realizar antes da leitura do livro.

1. Apresentar o livro aos estudantes, chamando a atenção para o título da obra: **O Pequeno Príncipe Preto**. Pergunte se eles conhecem livros com título parecido e aproveite para verificar se algum estudante já leu ou já ouviu falar do livro *O pequeno príncipe*, do autor francês Antoine de Saint-Exupéry. Caso o conheçam, levante hipóteses sobre qual poderia ser a relação entre as histórias.
2. Mostrar aos estudantes a capa do livro e pedir que localizem os nomes do autor e da ilustradora. Os alunos podem identificar o que lhes chama a atenção na capa e explicar por quê. Também podem observar as cores do fundo e as das letras e os desenhos do menino e da árvore. É o momento de levantar hipóteses, por exemplo: "Quem será o personagem representado na capa?" Espera-se que reparem na coroa na cabeça do menino para indicar que ele deve ser o Príncipe Preto mencionado no título.

Eles também podem observar a árvore ao fundo, o que oportuniza outras questões: "Por que será que a árvore não tem folhas e tem umas peças amarelas penduradas?"; "A árvore parece estar alegre ou triste? Por quê?"; "O fundo laranja lembra o calor ou o frio?".

Além de estimular a observação dos detalhes, as perguntas podem instigar a curiosidade pela obra.

3. Na contracapa (ou quarta capa), os alunos poderão obter mais informações sobre o livro. Leia em voz alta o trecho entre aspas (ele indica que se trata de um trecho do livro). Os alunos podem comparar a descrição lida à ilustração do príncipe e identificar os adjetivos com os quais ele descreve as

partes do seu rosto. Espera-se que localizem as expressões: boca “grande” e “carnuda”, sorriso “simpático e bonito”, nariz “de batata”, olhos “escuros”. Questione-os: “O personagem descrito no texto da quarta capa parece ser simpático? Por quê?”. Espera-se que os alunos reconheçam que sim, com base no modo como o príncipe, no texto, descreve o aspecto atrativo de seu sorriso.

Convide os estudantes a se deterem no trecho em que o Príncipe Preto o descreve como bonito e simpático, e, em seguida, na parte em que ele afirma gostar de seu nariz e de seus olhos. (No tópico *Atividades pós-leitura*, essas questões serão retomadas.)

4. Ainda na quarta capa, solicite que a turma leia silenciosamente a sinopse e volte a observar a árvore ilustrada na capa. Pergunte a eles: “Quem conhece essa árvore chamada baobá?”.

É interessante comentar que “baobá” é um nome masculino (o *baobá*), mas que, no livro, será tratado como feminino (a *Baobá*), comparando-se a uma figura materna, a ancestral, a que origina os demais. Ele também faz referência à árvore como Princesa.

5. Na contracapa, os estudantes também podem ler em voz alta o boxe sobre o autor, que traz informações biográficas a respeito de Rodrigo França e relacioná-las, posteriormente, à proposta do livro.
6. De posse dessas informações, convém levantar hipóteses sobre o enredo, tais como: “Como será o pequeno planeta do Príncipe Preto?”; “O que será que vai acontecer quando ele encontrar a raposa, o rei e as crianças?”; “Como será a relação dele com a Baobá?”; “Você imagina algo que pode acontecer na viagem que ele vai fazer a outros planetas?”.

As suposições podem ser anotadas para posterior comparação. O objetivo, no momento, não é o de dar respostas definitivas, mas de estabelecer expectativas em relação ao texto que será lido.

7. Antes de iniciar a leitura, os estudantes podem, ainda, observar as páginas internas iniciais e a ficha técnica sobre o livro.

ATIVIDADES DURANTE A LEITURA

Os estudantes dos 4º e 5º anos já possuem certa experiência leitora que lhes garante, em geral, autonomia de leitura, ou seja, pressupõe-se que estejam num nível da literacia mais avançado. Isso não descarta a possibilidade de se ouvir a leitura em voz alta do professor, pois a entonação e o ritmo de leitura de um leitor experiente podem ser atrativos para despertar o gosto literário das crianças de qualquer idade.

Assim, sugere-se, primeiro, uma leitura autônoma, que pode ser realizada em casa ou mesmo na escola, reservando-se momentos para leitura silenciosa e espaços tranquilos para leitura na classe.

Antes de começar a leitura autônoma, peça que leiam a dedicatória:

Para toda a minha ancestralidade, com respeito e gratidão.

Explique, se necessário, que as dedicatórias são textos escritos em que, em geral, se oferecem palavras de reconhecimento, carinho, atenção e gratidão a alguém. Assim, um amigo pode escrever uma dedicatória num livro que dará de presente, assim como um escritor pode dedicar sua obra a alguém.

Na dedicatória do autor se encontra o primeiro significado importante do livro: a ancestralidade. Levante hipóteses sobre o significado dessa palavra a partir do termo “ancestral” (*o que veio antes*). O dicionário eletrônico Aulete define *ancestralidade* como “herança, legado das gerações passadas”.¹ A partir disso, converse com a turma: “O que pode significar o fato de o autor dedicar seu livro às gerações passadas?”; “Essas gerações são importantes para ele? Por quê?”.

Para além da leitura autônoma, vale propor uma segunda abordagem de leitura, desta vez, compartilhada, participativa e coletiva, com parte do texto lido pelo professor e trechos lidos pela turma. A leitura feita desse modo possibilita destacar aspectos marcantes da narrativa, considerando os sentidos do texto, a linguagem e o estilo do autor e usando uma entonação adequada para as partes que compõem a história, de modo a tornar a experiência envolvente para o aluno.

ATIVIDADES PÓS-LEITURA

Após a leitura, é importante abrir espaço para conversar sobre o livro, estimulando os estudantes a se expressarem sobre o que leram, pois é preciso valorizar a reflexão

¹ Disponível em: < <https://www.aulete.com.br/ancestralidade> >. Acesso em 15 de setembro de 2021.



e a explicitação de suas opiniões. Uma estratégia é fazer uma leitura processual, para que cada parte do livro possa ser explorada, considerando o nível de leitura e compreensão de texto apresentado pela maioria da turma e propondo desafios novos.

Competência Geral 4: Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Leitura processual

As **etapas de leitura processual** são aquelas realizadas em dias diferentes. No transcorrer da leitura processual, será possível abordar alguns pontos marcantes da obra, além dos propostos nas etapas propostas adiante, neste tópico.

Para começar, sugere-se a leitura em voz alta das primeiras páginas, com paradas estratégicas para verificar a compreensão dos estudantes.

Nas páginas iniciais, pergunte quem está contando a história e como descobriram isso. Peça que observem o que o narrador fala sobre si mesmo e sobre o local onde mora. Destaque que, há, também, um pequeno fragmento inicial narrado em 3ª pessoa: há uma voz que dá o arranque na narrativa, apresentando um lugar, uma árvore e uma criança que ali habita: “Em um minúsculo planeta mora um menino preto com uma árvore Baobá. O menino gosta muito de regar a Baobá, que é sua única companheira” (p. 6). Espera-se que os estudantes identifiquem o narrador personagem, percebendo uso da 1ª pessoa: “eu sou o príncipe desse planeta”, e notem que o narrador-personagem predomina no texto.

A cada etapa lida, é importante reservar momentos para conversar sobre ela, dando espaço para que os estudantes recontem o enredo com suas palavras, exponham suas dúvidas e expressem suas opiniões.

No decorrer dos dias destinados a esse trabalho, reforce a importância de os alunos terem o livro nas mãos. Oriente-os quanto à localização das páginas relativas aos assuntos abordados durante o diálogo coletivo e compartilhado, com vistas à interpretação de trechos escolhidos. Esse percurso pode acomodar novas

perguntas e observações advindas dos estudantes, visto que o processo de leitura é dinâmico.

Outra proposta interessante de retomada dos elementos da história é solicitar aos estudantes que atribuam um título para cada parte lida e já nomeada pelo autor, para, dessa forma, estimular a identificação da ideia central de cada trecho, além de permitir que expressem a visão deles sobre os episódios narrados.

Falar sobre a obra lida é importante para estimular a reflexão sobre o mundo em que vivemos e para que se construam pontes entre a vida das personagens e suas próprias vidas, estabelecendo relações entre o texto e suas experiências pessoais. Pode-se perguntar aos estudantes, por exemplo: “Quem conhece alguém parecido com o Pequeno Príncipe Preto?”; “Será que existe quem pense como o rei ou de modo semelhante ou quem se comporte de modo parecido com o dele?”; “Quem já andou na rua e viu as pessoas imersas em seus celulares?”.

Conversar estimula a reflexão e é essencial para a formação do leitor literário, pois contribui para a percepção de algumas das funções da literatura: conhecer outros mundos e identificar-se com experiências pessoais dos personagens. O professor deve mediar essa conversa, sem a preocupação com erros e acertos de interpretação. Os próximos passos são orientar a compreensão do enredo, propondo a localização e a inferência de informações, a interpretação das imagens em relação ao texto e o diálogo sobre trechos selecionados para análise.

A seguir, sugerem-se algumas atividades que podem ser desenvolvidas pelos estudantes com a orientação e mediação do professor.

BNCC

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.



COMPREENSÃO DO TEXTO E APRECIÇÃO ESTÉTICA

As atividades roteirizadas a seguir propõem a reconstrução do enredo por meio da localização de informações, para, a partir delas, estimular a inferência e a reflexão. Podem ser realizadas individualmente, após conversa coletiva, em duplas ou coletivamente. É importante garantir a conversa sobre as respostas possíveis e que procurem embasamento no texto para justificar suas ideias sobre o livro.

Pelas páginas de *O Pequeno Príncipe Preto*: ler e interpretar

1. Para começar, solicite aos estudantes que descrevam o planeta do *Pequeno Príncipe Preto* com suas palavras.

- “Nosso planeta se chama Terra. Que nome você daria para o planeta do Pequeno Príncipe Preto?”

O planeta é pequeno, só vivem nele o Pequeno Príncipe e a Baobá. De vez em quando ocorrem ventanias. Se houver estudantes com dificuldade em se lembrar das características do planeta, solicite que releiam a página 7. Favoreça que todos ouçam as ideias para o nome do planeta da história e anote-os no quadro. Sugira a alguns estudantes que expliquem por que pensaram nesses nomes.

- “Como é a Baobá? Por que o narrador diz que ela parece que ‘caiu do céu, de ponta-cabeça’?”

Segundo o Pequeno Príncipe Preto, o(a) baobá é uma árvore que gosta de solo seco, com galhos secos virados para cima, que parecem raízes, por isso o narrador acha que ela parece estar ao contrário, de ponta-cabeça. As folhas só aparecem quando chove e, uma vez por ano, brota uma flor linda e malcheirosa que dura poucas horas. É interessante relembrar as hipóteses levantadas antes da leitura sobre o que seriam as “coisas” amarelas penduradas na ilustração da árvore. Solicite aos estudantes com dificuldade em achar a informação que releiam a página 8. O baobá é originário da África, sendo mais comuns em países do sul do continente, como África do Sul, Botsuana, Namíbia e Madagascar, entre outros.

2. O protagonista promete à Baobá espalhar o que ele tem de mais precioso: as sementes da baobá e o UBUNTU. Questione seus alunos: “Depois de ler o livro, o que é o ubuntu para você?”. E comente: Ubuntu, palavra derivada do idioma africano quimbundo, é um sentimento de união entre as pessoas e entre as pessoas e a natureza. Se necessário, os alunos podem reler as páginas 24 e 25, momento em

que o Príncipe inventa uma disputa justamente para mostrar às crianças da Terra que as disputas não são necessárias, ou seja, ele propõe que apostem uma corrida para ganhar balas, mas, depois, sugere que todas corram juntas de mãos dadas e dividam as balas entre si. E conclui: “Todos serão vencedores. Como um de vocês pode ficar feliz se todos os outros estiverem tristes, sem bala?”. Para ele, “eu sou porque nós somos! UBUNTU significa ‘nós por nós!’”. É interessante reservar um momento para conversar sobre o ubuntu, relacionando a palavra às experiências de vida dos alunos.

3. Releia o que o Pequeno Príncipe fala sobre sua ancestralidade na página 9:

Antes dessa árvore, existiu outra árvore, antes existiu outra árvore, e mais outra, outra e outra... Antes de mim vieram os meus pais, os meus avós, os meus bisavós, os meus tataravós, os meus ta-ta-taravós... Todos eram reis, rainhas.

Solicite aos alunos que observem a ilustração que acompanha o trecho lido:



- “Como a ilustração representa a ancestralidade?”

Na ilustração, são representados o Príncipe, seu pai, seu avô e seu bisavô. Pequenas diferenças entre os rostos marcam a passagem das gerações.

- “Qual a relação entre os ancestrais do Príncipe e a Baobá?”

O baobá é uma árvore que pode viver por muitos anos, algumas chegam a completar milhares de anos. Assim, espera-se que os estudantes infiram que a Baobá pode representar, para o Pequeno Príncipe Preto, toda a sua ancestralidade.

- “E você, conhece sua ancestralidade? Qual é seu passado? Sua origem?”

Para auxiliar os estudantes a refletir sobre a história de sua ancestralidade, estimule a troca de ideias numa conversa sobre suas famílias. Os alunos podem buscar em casa informações sobre seus ancestrais, para contarem depois aos colegas o que descobriram. Se houver estudantes que não tenham informações sobre alguns de seus antepassados, converse com a turma sobre o fato de que às vezes alguns membros da família se separam dos demais. Esse trecho é importante para que as crianças reconheçam como é importante conhecer seu passado.



Competência Geral 1: Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

A ancestralidade, no livro, está relacionada à valorização da cultura africana, mais especificamente da iorubá. A cultura iorubá inclui aspectos relacionados à língua, mitologia, arte, religião, gastronomia etc. No livro, alguns aspectos da cultura africana são evidenciados: há trechos em que o narrador cita *lansã* e *Xangô*, faz uso da palavra *Modupé* (“Eu dou graças a Deus”), da palavra *Orun* (céu) e, finalmente, na despedida da Baobá, surge a seguinte frase em iorubá: *Olorun kosi purê* = “que esteja na paz”.

4. Em sua viagem, o Príncipe encontra o Planeta do Rei. Solicite à turma que releia as páginas 14 e 15, nas quais o rei fala sobre ele mesmo e conversa com o Príncipe Preto, enquanto ele planta uma das sementes da baobá. Proponha as seguintes questões: “O que você achou das atitudes e das falas do rei? Ele se parece com alguém que você conhece?”

É muito provável que os estudantes descrevam o rei como uma pessoa egoísta e que só se preocupa com os bens materiais. Uma dica interessante é perguntar-lhes por que o rei sempre volta atrás em suas ordens (como quando diz “Está indo embora do meu planeta? Quem deixou? Então vá, eu deixo você ir”). Procure ajudar os estudantes a perceber que o rei não admite ser desobedecido, mas, quando não consegue impedir que o façam, ele passa a ordenar aquilo que não tinha deixado antes, o que, por um lado, reforça sua imagem de autoritário, mas, por outro, mostra também sua solidão, pois parece fazer tudo o que está ao seu alcance para agradar ao visitante. Uma questão interessante é conversar acerca de existirem (ou não) pessoas que agem como o rei, que querem mandar em tudo, que se acham o “máximo” e que querem ter seguidores (em lugar de amigos de verdade). Estimule os estudantes a dar exemplos, mediando as colocações.

5. No planeta Terra, o Pequeno Príncipe Preto encontra uma raposa. Sobre essa personagem, questione: “Por que ela fica escondida? Por que ela não quer se apegar ao Príncipe?”. E comente: A raposa tem medo de ser caçada, por isso se esconde, como mostra a ilustração da página 17: só aparece seu rabo pois ela está atrás da árvore. Ela não quer se apegar ao príncipe porque sabe que os viajantes vão embora (“Mas é melhor você ir embora... Guardarei esse encontro feito sonho bom [...] Vocês viajantes vão e deixam saudade. Adeus!” – página 19).

6. Ainda na Terra, o Pequeno Príncipe Preto encontra crianças que estavam indo para a escola. Releia o diálogo entre elas e o príncipe na página 23:

“Posso brincar com vocês?”

Alguns riram do meu sotaque e da forma como eu me vestia.

“Ele fala cantando.”

“Lembra voz de quem está com preguiça.”

“A sua roupa é tão esquisita, não é roupa de menino.”

“Você não parece normal.”

“O que é normal?”

Quiseram tocar no meu cabelo, sem pedir licença.

“Não toquem no meu cabelo!”

E questione: “Por que você acha que as crianças reagiram dessa forma em relação ao Pequeno Príncipe?”. A seguir comente: As crianças parecem ter estranhado o Príncipe Preto, pois ele não estava trajado como elas, não falava como elas e tinha um cabelo diferente. O trecho aborda várias problemáticas pertinentes ao universo escolar: a aceitação (ou não) do diferente, o bullying, a necessidade de respeito mútuo. Conversar sobre a situação pela qual passou o Pequeno Príncipe antes de ser aceito pelo grupo pode ajudar a desenvolver a empatia, ou seja, a capacidade de um ser humano de se identificar com o outro, de perceber como o outro se sente, de colocar-se no lugar das pessoas.



Competência Geral 9: Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Modos de dizer

A obra **O Pequeno Príncipe Preto** está repleta de expressões, palavras e frases significativas em seus contextos, mas que alcançam, igualmente, o receptor desses discursos, o leitor. A fim de valorizar o modo original como a linguagem foi usada para criar efeitos imagéticos ou de sentido, vale a pena destacar algumas delas e trabalhá-las com o grupo, em exercícios que envolvam apreciação estética e também permitam a ampliação de repertório vocabular.

1. Faça a leitura da fala da raposa na página 19:

Agora, se você me cativa... Se você me cativa! [...] Você será para mim único no mundo. E eu serei para você única raposa. Seremos um dia de sol nas férias. Ou uma tarde comendo arroz-doce, pé de moleque. Mas é preciso ser paciente, um dia após o outro. Menino, não há nada melhor do que uma amizade sincera.

- “O que significa ‘um dia de sol nas férias’ e ‘uma tarde comendo arroz-doce’?”
Espera-se que eles notem que, na experiência do narrador, essas expressões significam coisas boas, divertidas e esperadas. Esse é um bom exemplo de linguagem figurada, própria dos textos literários.
- “Para a raposa, afeto ‘vem de afetar o outro’. Procure no dicionário o significado da palavra ‘afeto’. Como podemos afetar os outros?”

Os estudantes podem relacionar o afeto ao fato de atingir os outros de forma carinhosa e afetuosa. Lembre-os que a palavra “afetivo” é derivada de **“afeto”**. Segundo o dicionário Aulete eletrônico, a acepção principal de afeto é o “sentimento de carinho, de ternura por algo ou alguém”. Se possível, leia para os estudantes o trecho do livro **O pequeno príncipe**, de Antoine de Saint-Exupéry, em que o protagonista se encontra com uma raposa no deserto e ela lhe fala a conhecida frase: “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”. O objetivo é que percebam a intertextualidade entre os livros. A questão retoma, de certa forma, o *ubuntu*, ideia norteadora do livro.

2. Proponha mais algumas questões a partir do trecho: “Na Terra, o Pequeno Príncipe Preto vê pessoas andando sem largar suas ‘caixas pequenas iluminadas’” (página 21).

- “O que é esse objeto? O que o príncipe acha das pessoas que estavam fixadas nesse objeto?”

O objeto é o celular. O príncipe estranha o fato de que as pessoas não respondem ao seu cumprimento e não olham para os lados. Ele diz que “não tinha abraço. Não tinha sorriso” (página 21).

- “Você já viu situações semelhantes à descrita pelo Príncipe nesse momento da narrativa?”

É interessante ouvir as experiências dos estudantes em relação ao uso do celular. Este é um bom momento para conversar sobre o desafio dos nossos dias: evitar o excesso de uso do celular, dos vídeos e mensagens que nos alcançam insistentemente, enfim, de exageros que podem resultar do desregramento da vida virtual para viver outros tipos de experiência que a vida, genuinamente, reserva às pessoas.

- “Falar em ‘caixas iluminadas’ é um jeito especial de falar de um objeto do cotidiano. Você percebeu que podemos falar das coisas de um modo único e original? Que efeito a linguagem usada assim pode trazer ao texto?”

Esta é uma oportunidade para que os estudantes falem sobre como percebem a linguagem literária, apreciem o estilo do autor, notem que a palavra permite arranjos singulares, provocando efeitos de sentido diversos, trazendo beleza e aspectos peculiares ao texto.

- “O que a raposa quis dizer ao Príncipe quando declarou: ‘Guardarei esse encontro feito sonho bom’?”
- “E quando disse: ‘Acho que vou cair no choro. Eu sou assim, feito uma manteiga derretida.’?”

Na primeira frase, a raposa valoriza o encontro ao compará-lo a um sonho bom e, na segunda, a personagem se revela sensível a experiências de despedida, mostrando o que a presença do menino causou a ela. Verifique se eles conhecem a expressão “manteiga derretida” e, caso não saibam o que significa, explique que ela é usada para se referir a pessoas que se emocionam com facilidade, que não conseguem conter o choro quando se sentem emocionalmente envolvidas com algo.

De volta às ilustrações

1. Solicite aos alunos que folheiem o livro e falem das cores que predominam nas ilustrações de suas páginas. Oriente-os a observar o prolongamento de uma ilustração nas páginas que formam dupla. A cor de fundo ou a continuidade de um objeto ou ambiente nessas páginas duplas podem ajudá-los a pensar que as escolhas do ilustrador não são gratuitas. Entre os casos de uma página dupla com fundo da mesma cor, com ou mesmo cenário ou mesmo com imagens compondo as duas páginas estão, por exemplo, as páginas 6 e 7; as páginas 12 e 13; as páginas 18 e 19, entre outras.

2. Peça que os alunos observem a ilustração da página 11. Releia com eles o trecho que a acompanha. Em seguida, proponha a questão: “De que parte do seu rosto o Pequeno Príncipe Preto parece gostar mais?”.

Há várias respostas possíveis, pois o príncipezinho gosta de tudo nele mesmo. Contudo, o destaque visual dado ao cabelo (incluindo a frase colocada na parte inferior da página) parece indicar que o cabelo é a parte de que ele mais gosta ou da qual ele gosta muito. A questão abre espaço para uma conversa sobre os estereótipos da beleza, questionando-se de que forma podem ser mudados e sobre aspectos ligados à autoimagem. Para Camargo, “podemos perceber que a personagem brinca com as palavras para explicar falas e atitudes racistas da sociedade, como quando fala do lápis cor de pele e do cabelo ruim.” Camargo afirma, ainda: que a questão do cabelo “é, sem dúvida, uma discussão muito importante para se ter desde a tenra infância, para que ocorra um processo de identificação racial positiva de si, problematizando expressões racistas como cabelo ruim”. (Camargo, 2021)



Competência Geral 8: Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

Competência 2 de Linguagens: Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Competência 1 de Língua Portuguesa: Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

2. Convide os estudantes a observar as imagens dos lápis de cor na página 10. Promova uma reflexão sobre a fala do Pequeno Príncipe Preto, quando ele diz que “tem gente que fala que existe um lápis ‘cor de pele’. Como assim? A pele pode ter tantos tons...”.

Minha boca é grande e carnuda.

Olhe o meu sorriso, como é simpático e bonito!

Eu tenho nariz de batata. Eu adoro batata e adoro meu nariz.

Meus olhos são escuros como a noite. Também existem olhos claros, mas gosto dos meus olhos como eles são. Porque são meus.

Meu cabelo não é ruim. Ele não fala mal de ninguém. Antes eu cortava meu cabelo bem baixinho, mas agora estou deixando crescer. Quero que fique para cima igual aos galhos da Baobá. Vai crescer, crescer, crescer... Vai ficar forte, brilhoso, volumoso. Olhe para o céu! Ele será o limite



Esse é um momento interessante para estimular a troca de ideias sobre o conteúdo da declaração do protagonista. Peça aos alunos que procurem um lápis de cor (ou vários, que podem ter as cores misturadas) para identificar qual deles poderia representar o tom de suas peles. Salvaguardando a ideia de que esse tipo de comparação tem, em si, suas limitações, pode-se replicar a metáfora proposta no livro. O objetivo é que percebam que, existe uma grande variedade de tons de pele e que isso só torna a humanidade mais diversificada e interessante. Peça que imaginem

um mundo em que todos fossem exatamente iguais quanto à aparência, modos de ser, gostos, opiniões: o que achariam desse mundo?

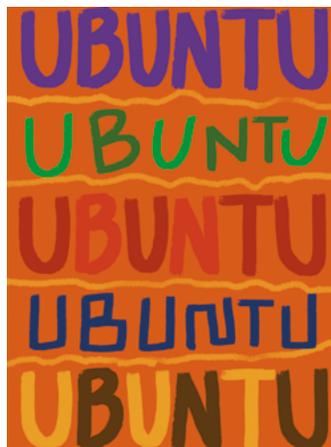


Competência Geral 10: Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

3. Na obra **O Pequeno Príncipe Preto**, há algumas páginas compostas por imagens grandes acompanhadas de frases ou palavras (é o caso da 22 e 26, reproduzidas a seguir). Localize as demais e pergunte: “Por que será que essas páginas foram compostas e apresentadas desse modo no livro?”.

Os estudantes podem considerar diferentes respostas; essas páginas, todas elas coloridas e impactantes, chamam a atenção do leitor para a parte da história a que

se referem. Há casos em que elas destacam a fala do narrador (como nas páginas 20 e 22), assim como podem chamar a atenção para as ideias importantes do livro, como “afeto” (página 18) e *ubuntu* (página 26).



Rumo às páginas finais

Para chegar ao desfecho da narrativa, retome, se possível, alguns pontos da história lidos anteriormente e prossiga a leitura interpretativa por meio das seguintes questões.

1. “O que aconteceu à Baobá no retorno do *Pequeno Príncipe Preto* ao seu planeta? Como o Príncipe se sentiu?”

A Baobá estava morrendo. O Príncipe se sentiu sozinho e triste, mas logo depois, ele viu que havia um brotinho e soube que uma nova baobá nasceria. Os estudantes podem relacionar a Baobá não somente à ancestralidade e à história do *Pequeno Príncipe*, como também à renovação a vida: afinal, não somos eternos e a vida precisa se renovar. Peça que releiam a fala do Príncipe: “No fundo, quando quem a gente ama vai embora, vira encantado e mora dentro da gente, no coração” (página 28).

2. “Qual das palavras a seguir você acha que resumiria o livro? Por quê?”

Apresente em um cartaz ou na lousa as seguintes palavras para que os alunos opinem sobre a questão proposta. Eles podem sugerir outras palavras possíveis para figurar como resposta à síntese sugerida na pergunta.

() Viagem () Identidade () Encontros () Amizade () Esperança

A resposta é variável e os alunos poderão justificar oralmente suas escolhas. De qualquer modo, espera-se que as escolhas considerem opções que resgatem os acontecimentos marcantes da narrativa e o sentido que eles sugerem ou indicam: o Príncipe realiza uma longa viagem, conhece outros universos e outros seres e espalha as sementes da Baobá, que simbolizam a união, mas retorna a seu planeta para rever sua Baobá (que logo se transformará). Ele volta mais consciente de seu papel no universo e de sua identidade. No entanto, outras respostas são possíveis, e palavras relacionadas à alteridade, empatia, diálogo, afeto também podem ser relacionadas ao livro, traduzidas à compreensão dos alunos dessa faixa etária, pois também se relacionam ao conteúdo da narrativa e permitem trilhar caminhos na direção do autoconhecimento. Resumir o enredo a palavras-chave é um exercício interessante para identificar temas e valores implícitos na obra.

3. Por fim, vale ressaltar a importância de estimular os alunos a desenvolver o gosto pessoal por obras literárias, a procurar por elas em espaços propícios à leitura e ao acesso a livros, a conhecer melhor autores e ilustradores, a compartilhar obras e indicar leituras para os colegas.



Competência 8 de Língua Portuguesa: Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).

Competência 9 de Língua Portuguesa: Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

3. A LITERACIA FAMILIAR: UM TRABALHO CONJUNTO ENTRE EDUCADORES E FAMÍLIA

O termo **literacia familiar** é entendido como um conjunto de práticas de escrita e, neste caso, de leitura, cujos participantes devem ser as crianças e os pais ou familiares que assumam o papel de paternidade. Estes podem ser guiados e incentivados pela escola.

A literacia familiar é a promoção do desenvolvimento da linguagem e do interesse da criança pela leitura, feita pelos pais. Ou seja, em nenhum momento ela sugere que o ensino da leitura possa (ou deva) ser realizado pela família. No Brasil, a escola de um modo geral, e incluindo a instituição de Educação Fundamental, tem a responsabilidade de favorecer aquilo que é próprio da experiência infantil na nossa cultura e ampliar suas possibilidades e seus conhecimentos (Oliveira e Silva, 2016), cabendo à escola o ensino formal da leitura, da escrita e da matemática.

Na realidade, o conceito de literacia familiar envolve muito mais a importância de a família se envolver na educação dos filhos, promovendo uma parceria saudável com os educadores para que todos atinjam o verdadeiro e principal objetivo: alfabetizar a criança e consolidar a sua aprendizagem.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o aluno começa a construir sua autonomia como leitor. Para isso, é importante intercalar a leitura feita pelo professor com momentos em que todos devam ler sozinhos, tanto na escola como em casa.

Conforme as orientações do programa *Conta pra mim*, formulado pela Secretaria de Alfabetização do Ministério da Educação, é o envolvimento dos pais na educação dos próprios filhos criando assim momentos em que todos desfrutam do afeto e do divertimento em família através de obras literárias e das palavras e imagens contidas nelas. Na prática, é o ato de pais ou responsáveis interagirem com as crianças durante a leitura em voz alta. É fazer com que os pequenos desenvolvam as habilidades de ouvir, falar, ler e escrever por meio de estratégias muito simples e divertidas, passíveis de serem executadas sem muitos recursos (Brasil, 2019b).

Assim, construir ações planejadas para orientar as famílias na participação efetiva na vida escolar de seus filhos é um desafio a ser perseguido pelas escolas, em conjunto com a comunidade escolar.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAJOUR, C. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012, p. 23-24.

BRASIL. Ministério da Educação. *BNCC — Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, SEALF, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA — Política Nacional de Alfabetização*. Brasília: MEC, SEALF, 2019a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *Conta pra Mim: Guia de Literacia Familiar*. Brasília: MEC, SEALF, 2019b.

BRASIL. Ministério da Educação. *RENABE – Relatório Nacional de Alfabetização Baseada em Evidências*. MEC; coordenado por Secretaria de Alfabetização – Sealf. Brasília: MEC/Sealf, 2020.

CAMARGO, Luísa Alves. *Representação de personagens meninos na literatura negro-brasileira infantil*. Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, 2021. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/28126/1/2021_LuizaAlvaresCamargo_tcc.pdf> Acesso em 15 de setembro de 2021.

CHAMBERS, A. “Dime. Los niños, la lectura y la conversación”. México: Fondo de Cultura Económica, 2007. (Col. Espacios para la Lectura). In: BAJOUR, C. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012, p. 22.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global Editora, 2007.

HUNT, P. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 106.

MORAIS, J. *A arte de ler*. São Paulo: Unesp, 1996.

MORAIS, J. *Criar leitores: para professores e educadores*. Barueri: Manole, 2013.

MORAIS, J. *Alfabetizar para a democracia*. Porto Alegre: Penso Editora, 2014.

OLIVEIRA e SILVA, I. “Docência na educação infantil: contextos e práticas”. In: BRASIL. *Ser docente na Educação Infantil: entre o ensinar e o aprender*. (Coleção leitura e escrita na Educação Infantil, v.2). Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, Brasília: MEC/SEB, 2016.

SÁNCHEZ MIGUEL, E. “A linguagem escrita e suas dificuldades: uma visão integradora”. In: COLL, C.; MARCHESI, A. & PALACIOS, J. (Orgs.) *Desenvolvimento psicológico e educação – Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais*. Porto Alegre: Artmed, 2004, pp. 90-112.

SÁNCHEZ MIGUEL, E.; PÉREZ, J.R.G. & PARDO, J.R. *Leitura na sala de aula: como ajudar os professores a formar bons leitores*. Porto Alegre: Penso Editora, 2012.

SARGIANI, R.A. & MALUF, M.R. "Linguagem, Cognição e Educação Infantil: Contribuições da Psicologia Cognitiva e das Neurociências". *Psicol. Esc. Educ.* v. 2, nº 3, pp. 477-484, dez. 2018.

SNOW, C. & JUEL, C. "O ensino de leitura para crianças: o que sabemos a respeito?" In: SNOWLING, M. & HULME, C. *A ciência da leitura*. Porto Alegre: Penso Editora 2013.

5. SOBRE AS RESPONSÁVEIS PELO MATERIAL

Elizabeth Gavioli

Carta ao professor / Propostas de abordagem em sala de aula

É bacharela e licenciada em Letras – Português e Linguística – pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Em sua trajetória profissional, atuou como professora no Ensino Fundamental, na Educação de Jovens e Adultos e em projetos na área editorial. Atualmente, é autora de materiais didáticos e consultora educacional.

Adriana Costa

A literacia familiar: um trabalho conjunto entre educadores e família

Fonoaudióloga clínica. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS – 2009). Mestre em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS – 2002). Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Porto-Alegrense (FAPA/RS – 1997) e em Neuropsicologia Escolar pela PUCRS (2019). Possui experiência em docência e em pesquisa, atuando atualmente como pesquisadora do Projeto ACERTA – Avaliação de Crianças em Risco para Transtornos de Aprendizagem no Instituto do Cérebro do RS (InsCer/PUCRS).

Coautora do *CONFIAS – Consciência fonológica*: instrumento de avaliação sequencial (2003) e dos softwares *Pedro no parque de diversões*: desenvolvendo a consciência fonológica (2008) e *Pedro em uma noite assustadora*: consciência fonêmica e relação letra-som (2015). Participou da adaptação para a língua portuguesa do livro *Consciência fonológica em crianças pequenas* (2006), da Editora Artmed. Revisou e adaptou o livro *Aprender a ler e a escrever a partir da fônica*: um programa abrangente de ensino (2015), pela Editora Penso. Colaborou na investigação e no desenvolvimento, principalmente dos estímulos linguísticos, do software *Graphogame Brasil*, aplicativo lançado em 2020 em uma parceria entre o Ministério da Educação e o Instituto do Cérebro do RS (InsCer/PUCRS).